

A maior tiragem de todos os semanarios portugueses

Ano III—Numero 145

Preço avulso 1 Escudo

12 Paginas

O DOMINGO

SEMANARIO

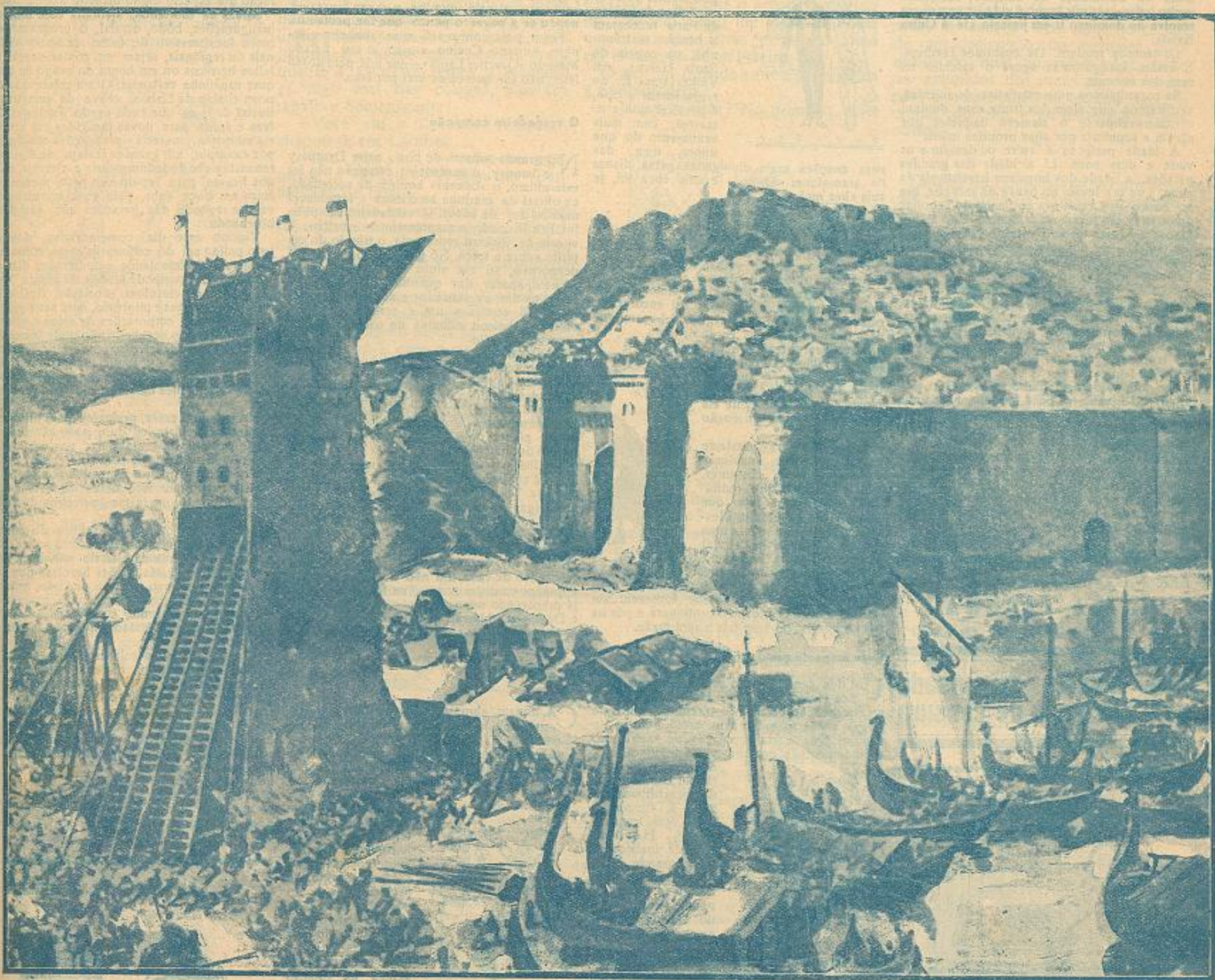
R. D. PEDRO V-18
TELF. 631-N. LISBOA

ilustrado

AGENTES EM

TODA A PROVINCIA
COLONIAS E BRAZIL

NOTICIAS & ACTUALIDADES GRAFICAS - TEATROS. SPORTS & AVENTURAS - CONSULTORIOS & UTILIDADES



A TOMADA DE LISBOA!

(Segundo uma aguarela celebre de Roque Gametrol)

O Regimento de Caçadores 7 decidiu comemorar a data da tomada de Lisboa. As cerimoniaes militares no historico Castelo de S. Jorge que corôa as sete colinas da cidade tem uma tocante solemmnidade.

AS LAMPADAS
ELECTRICAS

Condor
VENIO

SÃO AS MAIS
ECONOMICAS
E AS MAIS
RESISTENTES

LER NO PROXIMO NUMERO A NOVELA DE GRANDE ACTUALIDADE

O PILOTO DO BOM SUCESSO

cronica da semana por Norberto Lopes

A IDADE DO SUICIDIO

O correspondente de Coimbra para um jornal da manhã informa: «Suicidou-se ontem, com 97 anos, a sr.^a D. Maria da Piedade».

Eis uma linda idade para um suicidio romantico. Até aqui, eram apenas os jovens de vinte e tantos anos que, á primeira desilusão de amor ou dificuldade de dinheiro, resolviam muito belamente pôr termo á vida—como quem resolve ao domingo ir em passeio até á Outra Banda.

Os tempos mudam. Os costumes tambem. E assim, inaugurou-se agora o suicidio na casa dos noventa.

Se consultarmos uma estatística de suicidas, verificamos que alem dos trinta anos diminui consideravelmente o numero daqueles que abrem a sepultura por suas proprias mãos.

A idade perigosa é entre os dezoito e os vinte e dois anos. E' a idade das grandes paixões, a idade dos impulsos irresistíveis da alma, que ora levam ao banco da morgue, ora ao banco dos seus, ora ao banco do hospital; onde eles não levam, com certeza, é ao Banco Lisboa e Açores ou ao Banco de Portugal. Mas um suicida de noventa e sete anos, se não é caso virgem, é pelo menos um caso rarissimo nos annals tragicos do suicidio.

Não diz o noticiarista a razão por que essa pobre mulher deliberou partir de Coimbra, em idade tão avançada, e para tão longa viagem. E' de supôr que tivesse fortes razões para não querer continuar a viver neste vale de lagrimas, cada vez mais vale e mais inundado de lagrimas.

Em todo o caso, a sua hora devia estar proxima. Não valia a pe a, por um bocadinho mais, deixar de ver o resto do «film» que a seus olhos cansados se desenrolava nas aguas claras do Mondego.

Talvez levasse alguma coisa mais que contar para o outro mundo, donde as noticias sensacionais do planeta ainda não chegam pela telegrafia sem fios, mas sim pelo velho processo de reccevgem. Imutavel e permanente desde seculos imemorais...

NORBERTO LOPES

LER NA 4.^a PAGINA

A MA LINGUA

De TAÇO

Este numero foi visado pela comissão de censura

VONTADE



— Meu marido deixou de fumar!... —
— Para isso é preciso força de vontade a valer!
— Eu tenho essa força...

NOVIDADES E NOTICIAS D'AQUI E D'ACOLA

Um casamento

MAURICE Chevalier e Yvonne Vallée—que Lisboa, ha uns três anos, aplaudiu, nas suas cançõnetas maliciosas, casaram. Era voz corrente que o cançonetista—que se portou como um verdadeiro «chevalier»...—adorava a sua «partenaire» artistica. Muito burguezmente, as duas «vedetas» do Casino de Paris receberam a benção matrimonial na capela de Santa Helena, em Vaucresson. E, ao regressarem a casa, é possivel que c n tassem, com mais sentimento do que nunca, uma das



suas canções mais divulgadas pelos discos de gramofone: «Quand je suis chez toi, je suis chez moi.»

Um caso para reflectir

CONTARAM os jornais a lamentavel historia duma pobre velha, a quem o filho abandonou numa rua deserta, pela calada da noite, só para não gastar uns vintens com a sua alimentação. A velhota foi encontrada, caída na rua, na manhã seguinte. Levaram-na para o Hospital, mas como não estivesse ferida e não pudesse falar—não podendo, portanto, indicar a sua morada—foi posta fora. No Hospital perceberam que ela dava indícios de alienação mental.

Este «fait divers» presta se a reflexões bem duvidosas para os nossos costumes. Não sabemos o que «admirar» mais: se o filho que abandona a mãe, se o Hospital que manda embora uma demente, incapaz de se guiar através das ruas bulhentas. O filho foi para a cadeia, onde, de resto, não adquirirá aquilo que a natureza não lhe concede: e a educação não lhe forneceu: um sentido moral. O Hospital continuará a pôr na rua os miseráveis sem fala e sem razão.



Uma resposta prudente

UM dos candidatos á presidência dos Estados Unidos é Herbert Hoover, a quem os americanos apreciam não só como politico de largas vistas mas tambem como homem de espirito. Que a sua reputação de espirituoso é fundamentada comprova-o o seguinte caso, absolutamente verídico: Durante uma das suas ultimas viagens á Europa—onde vem frequentemente, Herbert Hoover instalou-se num grande hotel da costa belga. Demorou-se muito pouco tempo, mas, no dia da partida, apresentaram-lhe uma conta de tal or dem «puxadinha» que, apesar de habituado aos preços para americanos, o estadista ficou «passado...» No entanto, pagou, sem fazer qualsquer objecções. Mas, logo em seguida, com um sorriso ironico, inquiriu:

«Tem estampilhas de 1 franco e 50?»

«Sim, senhor. Quantas deseja?»

«Conforme... A quanto as vendem?»

— «Teem estampilhas de 1 franco e 50?»

«Sim, senhor. Quantas deseja?»

Casino de Sintra

NO nosso numero dedicado a Sintra demos uma magnifica gravura representando a

fachada do Casino de Sintra, o que em toda a parte do mundo seria considerado um valor publicitario para essa casa.

Apezar de mul os pequenos comerciantes de Sintra terem, como é sempre costume, pago os seus anuncios, a omnipotente empresa do sr. Adriano Coelho, proprietaria do «Bairro» que mais hade ser? e do «Casino» onde a gente se aborrece, enxada por em tempos, numa pagina de publicidade dest: jornal, pago a tan o a linha por outra empresa, ter saído um anuncio que lhe não era favoravel, negou se a pagar o pouco que lhe pediamos.

Fique, pois, com o seu muito dinheo o senhor Adriano Coelho e mais o seu Estado Maio do «Quarter Lapin».—que nós, pelo nosso lado, não lhe queremos mal por isso.

O verdadeiro campeão

NO grande «match» de box entre Dempsey e Tunney, o verdadeiro campeão não foi este ultimo, o «boxeur» homem de sociedade, ex-official da marinha americana e formidavel distribu dor de sócos. O verdadeiro campeão foi Tex Rickard, o empresario do «match». A victoria de Rickard representa o triunfo do espirito sobre a força. No grande acontecimento desportivo, só ela vinca a nois intelligente. Rickard, apesar das quantias fabulosas que teve que dar ao vencedor e ao vencido (mais de 20 mil contos a um, e mais de 15 mil a outro), embolsou milhares de contos. Teve a

esperanza de alugar 170.000 lugares, cujos preços oscilavam entre 5 e 40 dolares (entre 100 e 800 mil reis) sem nunca mostrar a planta do recinto do «match», o que lhe permitiu dividir as categorias dos lugares conforme lhe conveiu e conforme o pedidos. Teve a bela ideia de escolher Chicago para lugar do combate, porque nessa cidade as leis só permitem combates de «box» com o maximo de dez «rounds». Assim, é mais difficil que um dos combatentes vença o outro por «Knock-out», o que quer dizer que o valor respectivo de cada um não fica bem explicito e que, portanto, o novo Tex Rickard pode ir já preparando um novo encontro entre Tunney e Dempsey... Hurrah pela intelligencia de Rickard, o verdadeiro campeão de «box»!



Cá e lá

CÁ, andam alguns maduros e verdes sabichões ás turras, por causa dos painéis do Museu.

«Lá», na França das boas maneiras, andam outros calurras de alta nomeada scientifica discutindo-se certos objectos encontrados ha dois anos, em Olzél, são de origem pré-historica ou posteriores á época galo-romana. Tem hauido mosquitos por cordas, e ainda a procição vai no adro... O caso, para nós, só tem o interesse de os jornais francezes citarem, entre os seis ou sete sábios de cotação mundial que parti-

llham a opição de que se trata dum jazigo pré-historico, os nomes de dois portugueses: Mendes Correia e Van Leite de Vasconcelos. Este ultimo é o dr. José Leite de Vasconcelos, cuja erudição de caracter bem germanico não justifica a germanização do seu appellido bem português. E, feito este comentario, congratulemo-nos por ver que a sciencia dos nossos sabios é lá fóra apreciada na devida conta.

— Mentiro Raul, na frase: «João roubou um nicho, e que é João?»

questão previa

Por FELICIANO SANTOS

COMEMORA-SE o aniversario—7.0 anos respeitav. is—da tomada de Lisboa aos mouros.

Acho bem, como lembrança, mas acho mal como comemoração o magro programa que os jornais nos annunciam.

Sem deixar de render a devida justiça a quem tomou a iniciativa de comemorar a conquista de Lisboa, lamento que essa boa vontade intelligente não fosse auxiliada com os elementos necessarios para imprimir á comemoração um aspecto digno do feito comemorado.

Salvas de morteiros, alvorada com musica, inaugurações, bôdo, arraial, o programa pobre e inexpressivo de todas as festas nacionais ou regionais, sejam em comemoração de feitos heroicos ou em honra do orago de qualquer capelinha sertaneja. Ora a celebração do povo cristão de Lisboa, chave da penetração fluvial da xa que f cou sendo Portugal, defeza e apoio para novas incursões em territorio mourisco, merecia—proporções condignas: por exemplo, um grande cortejo de rigorosa reconstituição de indumentaria e armaria, coisa que ficasse para repetir-se, pelo menos de cinco em cinco annos, para ensinamento, proveito e regosijo das gerações que vão desbrochando.

Visiono esse dia comemorativo, doirado pelo palido sol do outono lisboeta, como um daqueles movimentados e numerosos dias de «Corpus Chebristi» de Lisboa do seculo XVI, com a sua espetaculosa procição, desfile interminado de riqueza e pitoresco, com seus guilões e insignias das corporações de artes e ofícios.

O nosso feito acanhado não pode conceber, sem sorrir da mascarada, uma grande reconstituição historica ou tradicional, como o dos vinhateiros de Vetej, que Augusto Pinto voluntariamente nos narrou no «Diario de Noticias».

Do entanto, esses pretextos para afirmar a continuidade historica dum povo são estimados e aproveitados até pelas nacionalidades que não teem historia, como a Belgica, nação recente, com pontos marcados nos tratados, mas que nem por isso deixa de reviver com sumptuosidade os fastos guerreiros da velha Flandres.

Todos nós, portugueses, saimos do collegio com noções falsificadas de historia patria, que estudamos isolada da historia universal. Cremo nos, através das noções herolcas que nos ministram, em povo eleito e por isso, quando os olhos se nos abrem para a vida, pasmamos do tristissimo presente, comparando-o com o passado, tão bem passado, que nos fornecem na escola.

As comemorações solenes e dignas dos feltos que marcaram na historia teem a vantagem de joear o trigo do joio, porque ninguém terá a coragem de celebrar uma significancia ou um desaire, arescido ainda do proveito que resulte para as imaginações pouco cultas de poderem «ver» os grandes antepassados com mais vigor, tanto materialmente, na rizeja das suas armaduras, como moralmente, na tempera das suas almas fortes.

Feliciano
Santos

ANALISE GRAMATICAL



— Mentiro Raul, na frase: «João roubou um nicho, e que é João?»

— João... é um maroto!...

HUMORISMO



Por XISTO JUNIOR

Para me dar um ar scenico

O portuguezinho, especialmente o lisboeta e o portuense, pela se por mostrar que é pessoa entendida em teatro e que está ao facto de todos os grandes exitos estrangeiros e de todos os pequenos escandalos familiares nacionais.

Saber quanto gastou a Mistinguette com a montagem da revista «Ca c'est Paris!» e conhecer, de sciencia certa, se o empresario snr. Luis Pereira usa teroulas de atilho ou ligas de elastico, são as ambições mais caras (às vezes custam-lhes um dinheirão) de alguns sujeitos que se arruinam em fauteuils de orquesta nas premiés e brindes de festa artistica.

Pela gloria de exhibir um retrato com dedicatória, em caligrafia incerta e ortografia periclitante, duma artista cé-

enrolar a aba do chapéu com mãos tremulas e suadas, eu instalo-me no indispensavel pseudo-sofá, que é obrigatorio em todos os camarins, e enquanto a «estrela» retoca a maquilla ge digo mal das colegas, para seu regalo e homenagem:

—Você viu a Comédia? A Spina'y chapou se em Londres...

—Diz que sim...—volve-me vagamente a «estrela»—Vi isso nas «Bandarilhas de Fogo».

Encanecido no convívio dos palcos, sabendo falar em rompimentos, bambolinas regias, reguladores, urdimento, escovas e outros termos de carpintaria teatral, para me dar um ar scenico, comecei, ha tempos, a colligir as minhas memorias de teatro, que tenciono dar á luz (não decidi ainda se á Hortense, se á Veloso) com o suggestivo titulo de «Memorias dum coíó amador».

Desses «Lusiadas» do teatro extracto as seguintes passagens, que bem se podem chamar as passagens desta vida... teatral.

Quando se constituiu a Companhia do «Novidades» todos estavam de acordo em que nem só os papeis grandes eram grandes papeis e ainda

em que, desde que o artista é querido do publico, tanto lhe faz ter o nome no cartaz em letras de palmo como em caracteres de milimetro.

O pior foi quando entrou em ensaios a primeira peça.

—Já viste, hein? No primeiro acto,



um pap linho de duas folhas... Não foi para isto que eu vim para cá!—desesperava-se um velho galã.

—Tu falas bem! E eu, que não entro no 3º acto?—lamentava um jovem que fazia um septagenario.

—E eu só entro no quarto!—afirmava, com convicção, uma soubrette que

tinha sido contratada por empenhos de muitos senhores.

Afixaram-se os cartazes. Tudo foram distincões, letras grandes, impressões a vermelho. Com o cartaz toda a gente estava satisfeita e não se sabia a opinião de X., primeiro actor, chamado ao norte pela morte dum tio. Quando ele voltou, os colegas de ambos os sexos, sabendo-o muito exigente nestas questões de colocação do nome no cartaz, rodaram-no logo de perguntas:

—Então, já viste o cartaz?

—Estás satisfeito?

Puxando um cartão do bolso, X. mostrou-o aos colegas:

—O cartaz está optimo. O meu nome á cabeça. Mas aqui, no cartão de agradecimento de pezames pela morte do meu tio, vejam vocês onde os estupidos dos meus primos foram pôr o meu nome: no terceiro lugar, a contar do fim, e na mesma letra dos outros.

Ontem, no Eden, falava-se dum actor que tem fama de homem de espirito, mas a quem nem todos os ditos resultam.

—Não, Fulano, quando quere, tem graça...

—Pois sim—objectou docemente alguém—quando quere... Mas ele tem tão pouca força de vontade.

O teatro é pitoresco desde a porta da caixa aos guichets da bilheteira. Assim, um destes cavalheiros maçadores, que escolhem os lugares por vinte vezes e os recusam outras, porque não são da coxia, ou porque ficam em frente da porta, pregava um dia uma estopada enorme ao desgraçado camaroteiro do teatro X.. Por fim, munido do bilhete e satisfeita a importancia, delicadissimo, o cavalheiro faz uma venia e murmura:

—Queira desculpar a maçada que lhe dei!

—Ora essa!—volve o camaroteiro, mais amavel ainda—Nós não estamos aqui senão para aturar o publico!

XISTO JUNIOR

DISCREÇÃO



—A patrão á mexer nos bolsos do patrão... Já é ser indiscreto!



lebre, ha homens que esquecem a mulher, os filhos, o estabelecimento e o restabelecimento da sua saude e fazem vida nocturna de caixas e cafés de teatro, distribuindo cigarros estrangeiros e pagando aguardentes moscaetas a comicos sem emprego.

Eu sou um desses, sem rebuço o confesso. Quando me chegam amigos da provincia, o meu prazer é deslumbrá-los com a minha intimidade de camarins de «estrelas» e «estrelas» e enquanto eles ficam á porta, tímidos e encolhidos, não encontrando, no seu embaraço, outra distracção que não seja



NOTAS RAPIDAS DE FRANÇA, BRASIL E PORTUGAL — p. lo Almirante Augusto Osorio.

Sob tão modesta epigrafe, acaba de ser publicado mais um folheto da série em que o snr. Almirante Augusto Osorio tem colleccionado alguns dos seus notáveis artigos de desinteressada propaganda patriótica. Esses artigos, publicados em jornaes franceses, são um eloquente testemunho de que ainda existem por nosso bem—representantes lídimos daqueles antigos portugueses que punham, sobranceiro a todas as interesses, o bom nome da patria. Embora sem ouvir quaisquer palavras de incitamento das insâncias officiais, o snr. Almirante Osorio, ouvindo apenas todas as suas raras virtudes cívicas e o seu sequente desejo de que seja feita justiça, no estrangeiro, ás iniciativas que de algum modo redimem Portugal de tantos erros politicos, continua, incansavelmente, a defender a mais sagrada das causas. Oxalá as palavras do illustre e venerando official possam lembrar a muitos portugueses moços o dever, tantas vezes esquecido, de não depreciar já-mais a terra-mãe. Se tal acontecer, o snr. Almirante Osorio julgar-se-ha melhor recompensado do que se todos os galardões officiais lhe fossem oferecidos.

«CANTIGAS QUE A GENTE CANTA» — versos de Vasco de Matos Sequeira.

O «Domingo Ilustrado» publicou algumas quadras do novo poeta, demasiado eloquentes sobre o valor de quem os compôs, para que seja necessario gastar muitas palavras elogiosas. O snr. Vasco de Matos Sequeira é já um belo poeta de feição popular. Soube encontrar idéas graciosas e reproduzi-las com despretenção e harmonia. As suas «cantigas» são, realmente, das que a gente canta, das que não morrem dentro dos livros. Deve sentir-se feliz por ter plenamente alcançado o seu objectivo, acontecimento que, em literatura, é cada vez mais raro. E' vulgarissimo vêr-se um poeta cair no mar e afogar-se, quando pretenda fazer grandes vãos transoceânicos... O snr. Vasco de Matos Sequeira realizou, brilhantemente, o seu reduzido mas difficil «raia» poético.

CURIA—PIOR DA BAIRRADA—versos de Adão de Figueiredo.

Livro de versos despretençosos, onde há trechos de bela inspiração, lado a lado com passos um pouco trôpegos... Dum modo geral, um livro que se lê com satisfação, que agrada quasi absolutamente. Cântico em louvor da terra natal, entoado por um poeta moço e bem português, merece que o ouçam e o agradeçam todos os corações moços de Portugal. Livro de poesia singela, ao alcance das almas simples, bem merece que o «Domingo Ilustrado», semanario do povo, registre com prazer o seu aparecimento.

Therese LEITÃO DE BARROS



—Ontem almocei no Cairo, hoje jantei em Milão e daqui a botado vou dormir a Paris. Que tal acha a historia? —No não é historia é uma geografia.

Curiosidades

AFERIÇÃO DE PESOS
E MEDIDAS

Por ocasião da recente conferência internacional de pesos e medidas, celebrada em Paris, os delegados de 32 nações foram fazer uma respeitosa visita ao metro e ao quilograma padrões, depositados no pavilhão de Sévres. Nesse pavilhão guardam-se os três metros protótipos, em platina, com os quais se confrontam os metros oficialmente usados. Para considerar como bons esses metros, é preciso que os erros, as diferenças com os padrões não sejam superiores a algumas centésimas de milésima de milímetro. A caixa onde estão os metros padrões contém também quatro protótipos do quilograma, igualmente em platina. O primeiro desses quatro padrões serve para comprovar, de dez em dez anos, o quilograma oficial usado, que está numa sala á parte. Como o facto de ser manuseado pode ocasionar diminuições de peso, ainda que só sejam de centésimas de milésima de milígrama, foi resolvido que esse primeiro protótipo seja confrontado com o segundo, de cem em cem anos. E este, o segundo, será comparado com o terceiro, de mil em mil anos. E o terceiro será comparado com o quarto, de dez mil em dez mil anos...

UMA CASA ORIGINAL

Em Hongg, cantão de Zurich, foi construída, no ano de 1674, uma casa que parece ser obra de algum arrojado architecto do nosso tempo, ou antes, futurista. Sobre a porta dessa casa, uma lápide elucida o transeunte de que o edificio foi construído com um só bloco de pedra.



PARA VARIAR...

VELHA

E' uma sombra do que foi. A idade não lhe poupou a graça, a garridice com que prendia o olhar a quem a visse atravessar as ruas da cidade.

Nenhuma voz lhe diz o que lhe disse em horas de sequiosa intimidade. Foi lindo o praia-mar da Mocidade. E' fria a maré-baixa da Velhice...

Mas, onde tantas vibram no azedume em que o torvo despeito se resume, ella ainda ri, num riso claro, franco.

E no gesto dos labios sorridentes guarda um velho calor de cinzas quentes sob a fogueira do cabelo branco.

MELANCHOLIA

Não importa somente o que aconteces, o mal que tem um nome, a dor sentida, a sombra designada e definida que um dia ensombra a alma e a arrefec.

quem nunca entristeceu sem que soubesse onde a sua tristeza foi nascida? Uma penumbra apenas presentida, — e o coração é um dia que anoitece.

Como é feliz quem viva cegamente uma vida incolor que lhe consente nada ver para além da hora que vive!

Como eu sei que mereço o seu desprezo! Eu que assim vou, feliz, vergado ao peso de um profundo desgosto que não tive...

DUALIDADE

Eu amava-te já como que a medo; era a incerteza cada vez mais triste. Desviei-me do caminho que seguiste, numa amargura que era o meu segredo.

E conheci-a... No amoroso enredo do seu olhar, prendeu-me. E assim tu viste que em mim, do nosso amor que não existe, a hora de morrer tocou mais cedo...

Mas quanta vez, se um caso se deslinda na sede de entendê-lo, face a face se mostra apenas sombra, ansiosa, infundada!

Talvez se o teu olhar me procurasse visse o meu coração amar-te ainda com todo o amor que a outra consagraste.

ISOLAMENTO

Não sei. Não sei. Não penso. Não procuro ver nada para além deste horizonte. Tu. Eu. Nós dois. O sussurrar da fonte. A sombra morna do arvoredo escuro.

E' tarde. E' cedo. A hera veste o muro e é doce vê-lo assim, alli defronte, a olhar um valle e a amparar um monte; já tão musgoso; ainda tão seguro.

Lá fora, a vida é um mar encapellado. E' cedo E' tarde. Sente-te ao meu lado. Olha esta vinha; aquelle pinheiral.

Lá fóra, a vida; a morte do Desejo... Tu. Eu. Nós dois. E a chamma da teu bijo longo, nostalgico, humido, immortal!

TAÇO

A «uma» que me não conhece nem eu sei quem é.

Se o «ponto» dos meus desejos São teus labios nada mais Cose-me a boca com beijos — toda a «pontos naturais».

XICO

A' enigmatica Maria Augusta—costureira tão artificial como encantadora.

Os teus labios são romãs... Ah! como estou romanesco... Mas não esqueça o letreiro: — «Estão pintados de fresco».

Teus olhos — perolas negras Dão te grande formosura... Olha lá, quando te deixas De tão sombria pintura?!

SEVERO URTIGA

A' formosura inegalavel de mademoiselle Palmira—Trabalha em casa.

O teu cabelo, lindinha, Bem cortadinho á minone Oh! Eu sómente idealizava Pentear esse garçonne

Essa pastinha na testa E que me tem feito vivido Se não fôsse essa airozinha Ha muito tinha morrido

Os teus olhos duas estrelas Que eu contemplo ardentemente Quem me dera possuilos Para os beijar docemente

LITERATURA
PROVEITOSA

Um gentleman engenhoso, o sr. Albert Cooks, falecido recentemente em Londres, deixou aos seus descendentes dois prédios de quatro andares, no centro da cidade, e 100.000 libras esterlinas em valores seguros; em vida já dera, a duas filhas, 10.000 libras e um prédio a cada uma. Até aqui, não ha nada de extraordinário... O único «pormenor» curioso é o de que toda esta fortuna ganhou a Mr. Cooks escrevendo cartas de amor. Perto de Tomer—Bridge, Mr. Cooks tinha um pequeno escritorio onde acorriam os namorados com poucas tendências para o estilo sentimental, e onde elle fornecia adoráveis cartas de amor, pelo módico preço de dois shillings cada. Ajudado por três secretários, Albert Cooks escrevia, por dia, umas cem cartas de amor. Durante a guerra, chegou a ter dez secretários. E assim fez a sua fortuna.

FOGO DE ARTIFICIO

A maior peça de fogo prêso que foi fabricada e queimada, appareceu em Nova-York, no dia em que, no ano de 1925, se comemorou a independência dos Estados Unidos. Essa peça gigantesca media, com efeito, 1 metro e 75 centímetros de altura, tinha um diametro de 90 centímetros e pesava 160 quilos. Quem lhe deitou fogo foi a «estrela» cinematográfica Colleen Moore cujo brilho certamente ficou bem ofuscado pelo da feérica obra pirotécnica, que levou duas horas e meia a arder.

SENSAÇÃO!

O novo grande exito
do

«Domingo Ilustrado»

Novas quadras para o CONCURSO

Qual a
costureira
mais bonita?

Continuamos hoje a publicar as quadras que enaltecem a beleza das nossas costureiras gentis.

Compreendeu o publico a natureza do nosso concurso. As quadras que reclamamos devem ser exactamente assim, singelas, sem preocupações de literatura.

A sua graça reside na espontaneidade com que são compostas e não nos primores literarios com que pretendam atavia-las.

Podem concorrer, portanto, todos aquelles que num minuto de inspiração desejem proclamar a beleza, a graciosidade, os atractivos da

Costureira mais
linda de
Portugal

As quadras poderão vir acompanhadas de uma fotografia da costureira preferida, o que não impede que o «DOMINGO ILUSTRADO» envie os seus Reporters fotograficos aos ateliers, a fim de fixarem as expressões das COSTUREIRAS cujos encantos vão sendo celebrados no nosso Concurso.

As tuas faces rosadas São como duas cerejas Ainda t'as hei-de roubar De modo que tu não vejas

O teu nariz compridinho Bem difficil de se contrar Quem me dera ser lencinho Para sempre o assoar

A tua bôca, ó querida, E' como um bolão de rosa Bem talhada e bem feitinha Fresquinha, doce e mimosa

Os teus dentes, belas perolas Como a neve são branquinhos Dentes assim nunca vi Tão quadrados e pequeninos

Os teus braços são roliços Bem feitinhos e delicados Rosados e bem gentis Esses sempre meus amados

As tuas mãos formosas São brancas, isso é que são Seria muito do meu agrado Dar te um aperto de mão

O teu pescoço bem gentil E' magrinho mas bem feito Eu tenho visto diversos Mas nunca assim tão perfeito

JAIME LUCIO DA SILVA

A' menina Albertina Araujo (trabalha em casa)

Se os teus olhos fascinantes andassem com as estrelas, com certeza todas elas seriam menos brilhantes.

M. R. de C.

O DOMINGO
Ilustrado

TEATROS

Henrique Roldão

Fez por este dias um ano que morreu Henrique Roldão. Quando mais tarde se escrever sobre a nossa epoca e sobre a gente que agora vive para o

Alves da Cunha e o que será a futura epoca do Nacional

O passo que os nossos teatros de revista, de genero alegre, preparam as suas epocas, transgindo com o gosto ou predilecções mais baixas do publico, merecem atenção especial aqueles que, dentro do teatro de declamação, heroicamente—é o termo—tentam seguir uma obra de regeneração dramatica, trabalhando com honestidade para um publico que nem por restrito deixa de ser aquele que

«A seguir, veredo logo para os originaes portugueses. Deverei montar uma peça popular—popular sem ser baixa—«Triste Fado», de Avelino de Sousa, o escritor que mais sente a famosa canção e que me dará ensejo de fazer um tipo de Lisboa, que ainda não fiz, assim como a «Grand-duquesa e o creado de quarto» me dará ocasião a fazer pela primeira vez um galã de comedia alegre. Depois deste



ALVES DA CUNHA



BERTA BIVAR

teatro e para os jornais hade-se falar de Henrique Roldão. A sua obra, onde se desenha um admiravel temperamento de humorista, não esqueceu ainda. Mas isto para os que vierem.

Para os que foram seus companheiros ficou uma indelevel saudade, um culto sincero pela memoria deste pobre rapaz que foi, na sua curta passagem pela vida, um trabalhador e um artista. Assim, como seus companheiros, fazemos votos para que se não esqueça dele a direcção do Gremio dos Artistas Teatraes, a cujo prestigio Roldão deu tanto da sua actividade e do seu entusiasmo.

Uma sessão onde o seu nome e o seu caracter fossem lembrados seria bem merecida—e talvez mais oportuna ainda do que a homenagem a Antonio José da Silva, longinqua vitima duma insquição cujos penas bem se equilibram com as penas da vida d'hoje.

mais pode dignificar o trabalho dos artistas da scena. Está nessas condições o grande actor Alves da Cunha, director e adjudicatario do Nacional, cuja vida é um exemplo de dedicação e de espirito de sacrificio em prol da sua profissão.

Eis em duas palavras o que nos disse o actor illustre que tanto publico conta:

—Tenho para este inverno um programa já tanto quanto possivel assente. Espero que o publico me ajude a cumprir-lo, na certeza de que tenho feito, nesta casa, tudo quanto em minhas forças cabe para a tornar digna.

—Que peças vai pôr este ano?

—Estrearei a 27 «La grande duchesse et le garçon d'étage», que Alvaro de Andrade, o novo e já tão apreciado homem de teatro, transplantou para a nossa lingua.

drama de Avelino de Sousa, farei ainda, pela ordem oportuna, três originaes: «Marquês de Carriche», de D. João de Castro, o grande escritor. Acção admiravel passada em 1840. Bela oportunidade para uma montagem de colorido e de elegancia historica. Reviveremos os toiros, os Marialvas e toda a vida boemia da antiga Lisboa. E', como vê, uma nova fase da minha actividade dramatica. Tenho um original de Ramada Curto, o formidavel dramaturgo, que se vem revelando epoca a epoca, e que será mais uma afirmação das suas grandes possibilidades.

«Maric Duarte escreveu para mim três actos, que vou interpretar tambem este ano. «Força» se chama a peça. Mario Duarte tem um belo senso de teatro e a sua longa experiencia em trabalhos literarios para representações

A PRATA DA CASA...

Ha coisas que se dão, portas a dentro, no nosso Teatro que merecem ser divulgadas.

O que vamos narrar enaltece um artista nosso, aliás dos mais illustres e conceituados. O Maestro Flaviano Rodrigues!

A companhia russa Korobok, tendo adocido o seu regente de orquestra, teve necessidade de contractar em Paris, ao embarcar, o sr. Georgieoski que se apresentou ao director da troupe como musico experimentado. Em Lisboa, no ensaio geral, o «sól-disant» maestro meteu os pés pelas mãos.

E se não fosse acudir a tempo o maestro Flaviano Rodrigues que, sem a menor preparação, se promittou a reger a orquestra do S. Luís, não teria estreado entre nós a troupe russa Korobok. Não teria estreado nem agradaria como agradou.

é penhor seguro de que a sua obra valerá como carpintaria scenica e interessará o publico.

«Como traduções sensacionais anuncio-lhe o famoso «Doutor Milagre», a ultima peça do Marquês Robert de Fiers, o grande aristocrata do teatro francês, e «L'autoritaire», a notabilissima obra.

«Farei fins de festa, mas sem tonadilleras. Fins de festa literarios. Teremos a soirée Junqueiro, a soirée Augusto Gil; a soirée Camões, e outras ainda.

«São pequenas illustrações vividas das poesias descritivas dos nossos grandes poetas, numa «mise en-scène» propria.

«Tenho as melhores esperanças e um vasto plano, como vê. A festa de Berta de Bivar terá tambem um atractivo especial que lhe não digo por enquanto—mas em compensação já lhe disse muita coisa!

Saimos convencidos de que a epoca do Nacional, onde um nucleo de artistas de primeira categoria, e entre elas a figura da actriz cultissima que é Berta de Bivar, prossegue nobremente na sua profissão, merece, de facto, as atenções e carinho do publico, sem favores ou reclames espaventosos. Bom teatro para os bons amadores e para o grande publico se fará este ano na primeira scena portuguesa. E isso já é alguma coisa.

Odéon

Um cinema digno de uma grande capital. Casa de espectaculos modernos, confortavel, de risco bizarro. Odéon exhibe as mais notavéis super-produções d grande fabrica Americana «Motis-Godwin Mayer».

Os espectaculos do Odéon estão a marcar um acontecimento de elegancia.

Chiado Terra-se

O cinema da parte alta da cidade. O velho «Terrasse» agora arranjado de novo. O pai dos cinemas lisboetas. Optimos films, sempre variados e para todos os paladares do publico. As grandes produções de aventuras. Preços em concorrência. Impulsiua e elegante sala.

Talco «GABRIELA»

Caixa grande, bonita apresentação, Esc. 3\$80
Pó dentifrico «GABRIELA». Faz desaparecer a carie e o mau halito. Caixa, Esc. 1\$50.

Loção «GABRIELA»

Não mais caspa. Frasco, Esc. 9\$0

Pó de arroz «GABRIELA». O unico que na realidade adere.
Descontos a revendedores.

PERFUMARIA ELITE, Largo do Calhariz, 18 (Palacio Azambuja)

Politeama Avenida

Grandes espectaculos cinematograficos com Super-Produções. Ultimas do dia darte «O Fim de este Carlo» com Francisco Bertini e Jean Angelo. Pua a semana, «Os Trez Mosqueteiros», com Douglas Fairbanks.

Companhia Satanela Amaranthe. A companhia mais simpatica ao publico. Alem de Amaranthe—o maior creador actual de tipos populares, este conjunto conta elementos como Luiza Satanela, uma notavel actriz que reúne o encanto duma mocidade fresca ao «tic» parisiense da sua estila. Hoje e por enquanto todas as noites «Agua-pé».

Foz

Korobok -a Troupe estrangeira mais completa que tem vindo a Portugal. Instantes de arte ultra-moderna par autenticas notabilidades russas. Scurrios e guarda roupa deslumbrantissimos e de gosto requintado. Estreia-se uma nova orquestra a «Foz Jazz Band».

Pathé Cinema Zoologico

Espectaculos modernistas com grandes atractivos. O mais fresco cinema de Lisboa. Alegria e arte.

Jardim Nacional

O divertimento de grandes e pequenos. Preciosos exemplares da fauna de todo o mundo. O Jardim zoologico, com o atractivo da sua Aldeia dos Macacos iraguarda pelo illustre architecto Raul Lino, acha se aberto todos os dias, das 10 ao por do sol.

Nacional

Alves da Cunha inaugura a sua temporada de inverno com «Cobardias» e «Mulher de Bronze», dois grandes exitos. Els a unica companhia de declamação que actualmente funciona.

Coliseu

As maiores atrações dos principais circos do mundo no vastissimo, elegante e confortavel Coliseu dos Recreios. A actual companhia, organizada pelo «savoir faire» de Ricardo Covões, é a maior e a melhor que se exhibe na Europa.

Olimpia

Direcção de Leopoldo O'Donnell, um dos mestres da cinematografia portuguesa e um dos industriaes mais categorizados. Films de primeira escolha. As grandes produções europeias e americanas. Ultimamente grandes transformações na sala e dependências, de forma a torná-la a preferida do publico.

O DOMINGO
ilustradoUMA NOVELA DE AVENTURAS
COMPLETA

Eu não matei!

O presidiário n.º 523, que cumpre a pena de degrêdo na fortaleza de S. Miguel, em Loanda, está inocente?

Leia esta novela de NORBERTO LOPES!

volta dos olhos, que tinham uma expressão infantil, duas grandes olheiras roxas vincavam um traço bem nítido de sofrimento. Aqueles olhos fixaram-se em mim com um mixto de suplica e de interrogação. Sem pensar um minuto em teorias inúteis de criminalistas, que levam ao exagero o critério antropológico no estudo do delinquente, moveu-me logo por aquele desgra-



—Estive ainda de conversa com uns amigos...

—Eu não matei! Eu não matei!—Era um homem alto, nervoso, franzino, que tinha dois olhos, castanhos, circundados de sombra, e uma palidez de marfim velho, que só se encontra em certos ídolos indianos. Tinha sido condenado a pena maior e sofria dois anos de prisão no lugar do degrêdo.

Quando visitei a fortaleza de S. Miguel, em Loanda, um amigo que me acompanhava chamou a minha atenção para esse caso, que ele reputava convictamente um erro judiciário.

O meu amigo era um criminalista amador, muito lido em certas doutrinas da escola positivista, que visitava o presídio a miude, entretendo-se longas horas a conversar com os degradados.

Conhecia aquele caso como os seus dedos. Ouvira da boca do presidiário toda a confissão do «seu crime». Conversara mesmo com o director da cadeia, para vêr se era possível fazer alguma coisa em benefício daquele desgraçado, que na opinião dele expiava uma pena tremenda por um crime que não tinha cometido.

Eu acabara de visitar o pavilhão das mulheres e vinha ainda com os olhos humedecidos de lagrimas, por ter encontrado dentro da prisão uma pequenita de seis anos, linda como os amores, á qual faltavam ainda doze anos para cumprir a pena. A pena não era ela que a cumpria—era a mãe. Mas era como se fosse ela. Tendo nascido no presídio dias depois da mãe ter chegado a Loanda, nunca mais se separou dela, dessa pobre mãe que ligou a filha para sempre á sua desgraça. A sentença que condenou a mãe condenou também a filha, que a essa hora se gerava no seu ventre.

Aquele espectáculo doloroso da mãe abraçada á filha, á filha que eu beijei, tinha-me enternecido, preparando o meu espirito para ouvir a confissão do presidiário n.º 523.

Estaquei em frente das grades da prisão. Dentro duma pocilga impropria para cavaliária, debatia-se no meio da maior angustia um ser humano, que estava nu da cintura para cima e que movia os musculos da face em contrações epilepticas de meter medo.

—Eu não matei! Eu não matei!

Havia um ano que chegara a Loanda, numa leva de condenados, e todos os companheiros de degrêdo lhe ouviram protestar inutilmente a sua inocência, que ele berrava todos os dias ás paredes nuas da prisão, para se convencer de que não era um criminoso.

—Eu não matei! Eu não matei! O senhor sabe que eu não matei!

O meu amigo encostou-se á grade e pediu-lhe que sossegasse um pouco.

—Venha cá... Está aqui um senhor de Lisboa que quer ouvir a sua historia. Conte-lhe tudo. Como escreve nos jornais, é provavel que ele ainda



—Eu não matei! Eu não matei!

possa fazer alguma coisa em seu benefício.

—Mandem-me embora para a minha terra! Eu não matei!

A sombra humana mexeu-se dentro da pocilga e eu pude vê-lo então melhor, quando se aproximou de nós. Em

gado, talvez inocente, um vivo sentimento de piedade.

—Sossegue um pouco e conte-me a sua historia.

Ele olhou ainda para o meu amigo, a pedir conselho, e depois de ganhar confiança começou a falar:

—Acusaram-me de matar um homem. Estou inocente. Eu não matei! Este caso passou-se no verão. Eu tinha a minha colheita na eira e nesse dia abalei de casa, á boca noite, com uma manta ao ombro, para ir dormir á eira. Antes de me estender, estive ainda de conversa com uns amigos e entre eles estava aquele que depois appareceu morto, de madrugada. Quem o matou? Não sei. Sei que a minha foice roçadeira appareceu tingida de sangue, porque ma mostraram. Ora eu deitei-me na minha cama, na cama que fiz ao pé da meda do meu pão, e só acordei quando me foram chamar.

«—Aq' d'el Rei que mataram o Antonio Vicente!»

«O Antonio Vicente estava morto, com um golpe de foice roçadeira na cabeça. Mas eu não tinha sido. Veio a justiça e não sei porque desgraça puzeram logo a boca no meu nome. Foram á minha parva e encontraram a foice tingida de sangue. Depois inventaram que me travara de razões com o Antonio Vicente, por causa dumas rendas, e que o assassino não podia ser outro senão eu.

«Deus sabe que eu não matei! Aquele que matou com a minha foice estará bem descansado a estas horas e eu a penar na costa de Africa por um crime que não cometi.

—Mas como explica que a sua foice tivesse apparecido coberta de sangue?

—O assassino serviu-se dela para matar e foi pô-la outra vez no mesmo sitio. Lá o disse o advogado no Tribunal. Mas eles não quizeram ouvir. O que eles quizeram foi fazer a desgraça dum homem que nunca faltou ao respeito a ninguém.

—E o que era isso das rendas?

—Eu tinha tomado umas terras de renda ao Antonio Vicente. Terras de centeio, que não valiam, a bem dizer, um ocharo galego. Ora o predio andava caro e eu tinha-lhe pedido que me baixasse a renda, porque a colheita tinha sido má e não podia pagar a todos os credores. Nessa mesma noite estivemos de conversa, mas nenhum de nós se travou de razões, como as testemunhas foram dizer ao Tribunal. Juraram falso, mais falso do que jurou Judas!

—Mas ninguem ouviu gritar, ninguem se apercebeu na eira de que tinham morto um homem durante a noite?

—Ninguem. Ou se alguém ouviu calou-se bem calado, porque só deram com o Antonio Vicente quando rompeu o dia.

—E o senhor não calcula quem tivesse sido?

—Eu sei lá quem foi!... Posso jurar-lhe que não fui eu. Pela boa sorte dum filho que deixei lá na terra sem pai, juro-lhe que não fui eu!

—Mas os jurados não o conheciam, não sabiam que o senhor era um homem de bem, incapaz de cometer um crime?

—Eu nasci na aldeia e os jurados são quasi todos da vila. Depois, as testemunhas depuzeram contra mim, juraram falso, para me deitarem a perder.

Pela primeira vez diante de mim, aquele homem chorou. Como já era tarde, despedi-me dele e prometi-lhe que havia de fazer alguma coisa, se pudesse. Mas confesso que não tinha nenhuma esperança. Era possível que se tratasse dum erro judiciário, que todas as apparencias tivessem condemnado aquele homem e que ele estivesse, contudo, inocente. Outros têm sofrido uma longa expiação por crimes que não cometeram. Mas como se poderia obter a revisão do processo? E, no caso de se obter, onde estava a prova ou o documento que provasse a inocência daquele homem?

Nessa noite, não dormi a pensar no caso. A cada volta que dava na cama apparecia-me sempre aquela cara de marfim e aqueles dois olhos castanhos, que tinham uma expressão infantil.

No dia seguinte, caiu-me debaixo dos olhos, por acaso, um livro italiano, em que se narrava a historia dum crime cometido por um agente em estado de sonambulismo. Corri ao presídio e falei ao director.

Não estaríamos em presença dum sonambulo, que não se lembrava de ter matado, precisamente porque agiu sob o dominio duma força inconsciente?

Desta vez, um guarda foi buscar o preso e eu pude conversar com ele no proprio gabinete do director do presídio.

Insisti:

—Não se lembra de ter matado o Antonio Vicente?

—Não, senhor. Eu não matei!

—Costuma acordar de noite, longe do lugar onde se deitou?

CONTINUAÇÃO NA PAGINA 9

DO nosso amigo Inocencio Calado, que ainda não abriu o bico sobre este momentoso problema e que é dos raros que ainda se não pronunciaram sobre este caso gravissimo, de que depende o futuro do país, recebemos a carta toda em estilo arqueologico que abaixo se transcreve.

Cumpramos nos frisar que extranhámos a prosa do nosso amigo, que por certas passagens nos dá a impressão de que esta saraivada de painéis, cartas e documentos, o deixou um pouco grogy. Damos-lhe porem publicidade por certo numero de revelações sensacionais que ele nos faz.

«Ex.º Sr.

Como na minha familia todos mais ou menos teem frequentado assiduamente as bibliotecas e arquivos nacionais (meu bisavô foi durante muitos anos empregado na Biblioteca Nacional onde ia quotidianamente assinar o ponto, pondo apenas ponto neste seu velho habito quando se reformou e tendo eu proprio tambem frequentado —talvez por atavismo, quotinocluamente a mesma biblioteca, para ler desde o Rocambole até a vasta obra do poeta João Maria Ferreira—admiravel vate do Seculo XX cu mais, não desfazendo em quem está presente, na leitura de cuja obra colossal ando ha seis mezes empenhado) não podia ficar indiferente a esta polemica, toda cheia do pó dos arquivos e em que uma bôa grossa sortida de arqueologos se tem degladiado de encontro ás taboas de S. Vicente.

Antes de mais perdoará V. E.ª a extensão deste meu primeiro periodo, mas o meu estilo está influenciado pelas numerosas cartas que ultimamente tenho lido sobre este assunto e nas quais os periodos costumam ser do tamanho da legua da Povôa e tão torruosos como a propria estrada da sobredita Povôa.

Mas voltando ás taboas de que já ia a afastar-me, devo declarar que de pois de ter andado aos tombos na Torre do Tombo, estou habilitado a fazer alguma luz sobre o assunto, se mo permitem as companhias que en- e nós teem o exclusivo de tal fornecimento.

Como bom português, zeloso do nosso patrimonio artistico, fui tambem analisar o famoso documento que veiu esclarecer toda esta grande confusão.

Até á data, as analyses ao debatido documento teem sido todas paleograficas. E temos ouvido cada palão!!

Fiz-lhe por isso uma analyse quimica e toda bacteriologica, para apurar qual a qualidade, e quantidade longevidade retrospectiva das traças e respetivas ascendencias que porventura tenham estabelecido o seu «hôm» nas proximidades do aludido documento.

E assim apurei ao cabo de esforços que me iam dando cabo da paciencia, que os ultimas vergontees duma antiga familia de traças estabelecida no mais recondito canto duma lombada, que fica mesmo á esquina da carta em discussão, descendem em linha recta,

absolutamente recta, duma antiga familia de traças nobres nascidas em varios livros de linhagens para sacas do seculo XV ou menos e num livro de Hora Bolas para tudo isto, do tempo da rainha D. Leonor, que Deus haja por muitos anos e bons.

Pelos restos perfeitamente mortais da traça inicial, que foi o tronco comum de toda essa descendencia e que



... onde ia quotidianamente assinar o pontc...

se encontram completamente conservados em estado pastoso, entre o documento em litigio e aquele que o precede e pelas impressões digitais impressas nos seus membros inferiores, conclui-se com a maior evidencia que o seu esborrachamento foi ocasionado pelo dedo polegar do geral dos Loios, quando este foi reler o manuscrito oito dias após a sua redacção.

Da busca feita nos arquivos de identificação se vê que não pode ser outra a impressão digital tão cruelmente trucidada.

Mas ha mais. Proceedi tambem a um demorado exame paleografico e depois de apalpar as pernas a todos os q. q. e p. p. que no documento se encontram, depois de analisar todos os f. f. e r. r., de apreciar a tinta perfeitamente descórada por tantas inconveniencias que acerca dela se teem proferido e de sondar os sulcos do aparo, que deixam ver claramente que não proveem de penas de pato —por nós que tambem não o somos—mas daquelas canetas de tinta permanente tão usadas na meia idade, não estou com meias medidas e desde já me declaro convencido da autenticidade insofismavel, inconfundivel, incontestavel e incontrovertida do aludido documento, não desfazendo tambem, é claro, em quem está presente.

E posto isto, que já não é pouco, poderia responder ainda á resposta, que em resposta á resposta do Sr. Henrique Loureiro escreveu o Sr. Custodio Vieira. Mas para quê? Para que complicitar mais esse dize tu, direi eu, todo arqueologico, esse conflito em que toda a arqueologia nacional se está lançando em peso, jogando certas biscoas, insinuações e piadas de sol atiradas da sombra dos arquivos, que nos fazem temer uma tremenda refrega de alfarrabios, codices, cronicas e poeirentos calhamações que deixarão a Torre do Tombo no estado da sua colega de Pisa.

Se ha já quem diga que os painéis

nunca existiram e quem afirme tambem (e essa é a opinião mais seguida) que a figura central tão discutida (o pseudo S. Vicente) é afinal o Sr. coronel Vicente de Freitas...

Freitas, quando andava ainda de bibe e já pensava na regulamentação do jogo, conclusão a que se chega facilmente se atendermos á caixa de fichas que a figura aludida traz debaixo do braço esquerdo e á pá que acaba de arrancar das unhas de um «croupier» ajoelhado na sua frente implorando misericordia.

Que de resto parece-me difficil descobrir se tal figura é de homem ou de mulher. Um retrato com alguns seculos por cima ha-de apresentar cada vez mais essa dificuldade.

Suponham V. Ex.ª as discussões e as polemicas que hão-de surgir daqui a 2 ou 3 seculos, perante os retratos



... foi ocasionado pelo dedo polegar do geral dos Loios, quando este foi reler o manuscrito...

das senhoras elegantes e dos senhores Adelaides nossos contemporaneos.

Ora parecia-nos que perante tudo isto já ninguem podia ter duvidas sobre a autenticidade do documento.

Mas eis que surge, precisamente na altura em que redijo esta carta—verda-

Ainda e sempre os Paineis, mas já com o S. Vicente de fóra do assunto

deiramente historica, —u na carta do Sr. José de Bragança no «Diario de Noticias», em que se pretende demonstrar a sua falsidade.

Ora eu já não me convenço com tais argumentos com respeito ao documento inserto no Codice de Lavánha lá quem vier, dizer o que lhe aprouver.

Continuo na minha ácerca do documento. Foi o Bispo de Fez quem o fez e tenho dito.

Não venha cá o Sr. José de Bragança dizer que o til sobre o é da palavra flamengo demonstra a falsidade do tão discutido papel.

Flamengo falsificado foi sempre corrente e vulgar em todas as mercearias.

E de resto nada nos vem provar a bula do papa Xisto V, ascendente do nosso conhecido Xisto Junior e mesmo do confronto das assinaturas transcritas no artigo se conclue serem ambas do autentico loio e só não o vê quem fôr saloio.

Como não me convencem tambem as minucias a que se tem descido, como por exemplo a de dizer que «o documento chama D. Frey ao Arcebispo, ao passo que o loio é chamado D. Francisco sem freio», digo sem frey.

Não, meus caros srs., nesta desenfreada discussão, eu, como homem, continuo a inclinar-me para a D. Catarina, que é uma senhora muito simpatica, não desfazendo mais uma vez em quem está presente.

E enquanto não me aparecer o proprio D. Sebastião, por quem espero ha tanto tempo, a dizer me que não recebeu aquela carta (se eu até lá não tiver encontrado, como espero, nos arquivos, o respectivo aviso de recepção que o desmascare tambem), ninguem me convence da sua falsidade.

Continuarei portanto nas minhas investigações bibliograficas e bisbilhograficas e oportunamente me pronunciarei.



Secção dirigida por VISCONDE DA RELVA

Toda a correspondencia relativa a esta secção deve ser endereçada a Americo J. L. Coelho—Rua D. Pedro V, 18—LISBOA

Apuramento do N.º 141
DECIFRADORES

AULEDO, A. VASCONCELOS, CAPITÃO BO-
CHE, EDIPO IGNOTO, OADUROMA, HER-
TOS, MARIDO MULHER & FILHO, OMBIL.

preferir. 4 Homem desproporcionado e excessivamente baixo, taberna. 5 «Nota», estafés, 6 Pois, tumor, 7 Epocas fixas desde as quais se começa a contar os anos, Suburbios. 8 Saco de couro para viagem, aprecias. 9 Socega, embraseamento do ferro. 10 Dar Saude a, p:der o tino.

VERTICAIS.—1 «Planta rosícea», «emblemática». 2 Insípida, aguardente extraída do arroz fermentado. 3 Uta com óleo, içar com cordas. 4 Nivelado, folha de pinheiro. 5 «Antiga moeda de cobre usada entre os romanos», ataque

DECIFRAÇÕES

1 Marianas. 2 Primário. 3 Roubaria. 4 Ama-

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
1										
2										
3										
4										
5										
6										
7										
8										
9										
10										

relos. 5 Povoados. 6 Ovarinas. 7 Aveleira. 8 Cadeirão. 9 Cotovias.
PROBLEMA DE HOJE
HORIZONTALS.—1 «Fruto», disfarçar. 2 «Aves columbinas», mentira. 3 Tens por verdadeiro, de epilepsia. 6 Estre nós, neste lugar. 7 Profertir um discurso, sujeitar se. 8 Caixilho em que se apertam as fórmulas tipograficas, o animal de que faz presa a ave de rapina. 9 Latão, erva daninha. 10 Pouco densos, inflamar.

Ainda e sempre os painéis, mas já com S. Vicente de fóra do assunto

Continuação da pagina 7

Só o que lamento é que até agora ninguém se tenha lembrado duma coisa importantissima, que viria resolver todas as duvidas nesta historia dos painéis e seria absolutamente decisiva e concludente que era a de saber, de concluir, de apurar, duma vez para sempre, se o pão é quente ou se pelo contrario ele, afinal, é fresco. E eu parece me que ele é fresco, não haja duvida.
Sem mais seu devotado, etc.
INOCENCIO EX CALADO
Pela copia
AUGUSTO CUNHA

Cabeleireiro de Senhoras

Cortes de cabelo a senhoras e crianças, Ondulação Marcel e Pintura em todos os generos por pessoal devidamente habilitado. — Gerente tecnico ALEXANDRE PERESTRELLO.

Salão Elegante das Avenidas

49-A, AVENIDA DA REPUBLICA, 49-C

Telefone Norte 5689

SECÇÃO CHARADISTICA

N.º 8

SOB A DIRECÇÃO DE

23
OUTUBRO
1927

6.ª SERIE

VISCONDE DA RELVA

Toda a correspondencia relativa a esta secção deve ser endereçada a Americo J. L. Coelho—Rua D. Pedro V, 18—Lisboa

LOGOGIFO

Do illustre confrade Visconde da Relva, scilicetando-o pela sua recente subida de posto.

1 Ilusão! Ilusão! Mas que tortura! — 3, 19, 5, 8, 7
Meu lindo sonho vejo arruinado! — 15, 11, 2, 17, 10, 19
Ilusões mil eu hei fantasiado — 7, 4, 1, 4, 11, 3
Que morrem tristemente na amargura! — 13, 8, 5, 8, 18, 8, 7

Chego a pensar até: Será lruca? — 10, 9, 18, 19
Serei um ser demente, alucinado? — 15, 11, 6, 18, 11
Mas não! Eu vi, eu sinto já finado — 9, 19, 4, 11
Meu lindo sonho! Como a vida é dura! — 7, 1, 12, 4, 8, 5

Amor, amor, tem dó, não atormentes — 13, 19, 3, 20, 6, 17

Meu coração, por quem tu nada sentes... — 17, 9, 10, 8, 2, 4, 11

Deixa-o sonhar... vive tua ilusão... — 18, 11, 9, 20, 8, 9, 4, 8

«Cada» virá o triste despertar... — 5, 8, 9, 14, 2, 18, 1, 11

Um sonho cor de rosa a desabar — 18, 19, 7, 13, 10, 8, 10, 19

Qual castelo de cartas... sonho vão.

Lisboa REI-PEIRA (A. C. P. B.)

CHARADA EM VERSO

2 De que serviram, melgo Nazareno,
As suas palavras que preceste ao Mundo?
Que proveitou do teu saber profun-
do a humanidade cheia de ve eno?

Quem venerou o teu perfil sereno,
Quêdo préguas ao gentio imundo
Descrente do teu céreoro fendo,
O Livro que mostrava o bon terreno?...

Não quiseram as gent's escutar
A Voz Bendita que lhes vinha dar
«Com» a Bondade, o Amor, o coração... — 1

E hoje, em guerra sarda, a Humanidade
Mave o talento em dura crueldade,
Torna-lo o Mundo um triste lar sem pão!

Lisboa UTS

ENIGMA EM VERSO

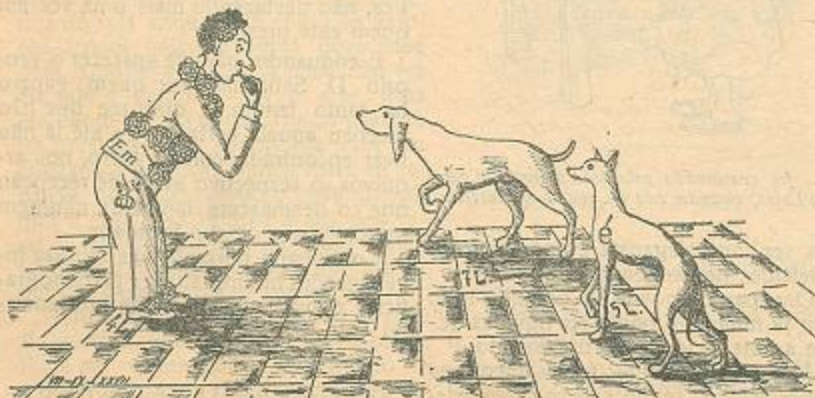
(Resposta em: «matice á em frase a meu dedicado, do meu illustre amigo «Bixo Kvhoto».)

3 Tem meu todo nove letras
São vogais, apenas cinco,
e destas, duas irmãs;
Pode crer, porque eu não brinco.

Tenho dois ás, é e i,
Mais um o, b, c e erre
Com um mé; dou-lhas a si,
Pra que o amigo as onterre.

Tenho um Sol mais um senhor,
Um gato, e o mais eu não digo.
Buralhe bem estas «cartas»
Que já lhe ba-tam pra castigo.

19-ENIGMA FIGURADO



Lisboa

BIXO KVHOTO (A. C. P. B.)

A' sua em frase eu respondo:
O amigo está a pesar,
Chava grossa que costuma
Sempre em Setembro cair.

Lisboa EURISTO

CHARADAS EM FRASE

4 O «jóg.», depois de penetrar no guarda-jolar, transformou em poesia a «pedra preciosas». — 2-1.

Lisboa ARARA

5 Em dia de luz difusa, nunca «intento» ver ao longe sem um óculo de alcance. — 2-2.

Lisboa CAPITÃO BOCCHE

(Para o confrade «Idílio» decifrar quando... não estiver a fazer «Idílio».)

6 Com um «atensillo de jóg de bilhar, o amigo é capaz de fazer uma «grade com dentes de pau?». — 2-1.

Maíra CHICA SALOIA

7 Não desvanec' mais impressões, quez, embora a seu pesar, tenha sido narcotizado. — 4-1.

Almeirim D. GALENO (A. C. P. B.)

8 Quem habita de continuo a casa onde conto, por força que alguma vez lá terá acendado lume. — 3-1.

Lisboa DITE

(Ao amigo e confrade «Olegna»)

9 Por falta de inspiração, retirei das charadas o meu cartão. — 1-2.

Lisboa DR. MIRONES

10 Numa «freguesia de Portugal» encontra-se veraneando um «bô» cavalheiro, antigo chefe civil e militar. — 1-2.

Lisboa DUQUE EDAZ

11 Aquilaci em fazer a compra onde o preço fosse mais moderado. — 3-1.

Lisboa EDIPO (A. C. P. B.)

12 O «Imposto» ainda não foi pago na alfândega. — 3-1.

Maíra FIGARO

13 Não me faço desdenh'za com uma «mulher», mesmo que ela seja imperfeitamente instruida. — 3-2.

Bemfica GABI

14 Um «jarcensulto maçalm» mandou meter na «prisão» um «maroto». — 2-1.

Maíra IDILIO

(Agradecendo a «Renando!»)

15 Era de melhor vantagem ter-me enviado o dito porco, porque, sempre ouvi dizer que fama sem proveito... — 1-2.

Lisboa MARIANITA

16 E' inte'essante: que a ave implame tenha afecto á acumulação de muitos rebentos de raias. — 2-2.

Lisboa ORLANDO-PALADINO

17 E', muitas vezes, o clima que nos transtorna a cabeça e faz de nós um «estrola». — 1-2.

Pórtio RENANDCP

(Ao confrade «Lumaro»)

18 O modo de resolver um negocio é, para mim, uma «peziquiz». — 2-1.

Maíra XIGATO

VARIA

O REI DAS QUINHENTAS ESPOSAS

Eu não matei!

Continuação da pagina 6

—Sucedeu-me isso uma vez. Foi pouco tempo antes do que se passou. Era em minha casa. Sem saber como, encontrei-me na cosinha. Calculei que me tivesse levantado para beber agua.

—Mas não se lembra de ter sede quando estava deitado? Não se lembra do momento preciso em que se levantou da cama?

—Não, senhor. Lembro-me só de que apareci na cosinha. Perguntei então a mim proprio: «O que vim eu fazer?» «Tinha a boca seca. Bebi um copo de agua e fui-me deitar outra vez.

—E na noite em que mataram o Antonio Vicente, não tem ideia nenhuma de se levantar do sitio onde se deitou?

—Não, senhor. Dormi toda a noite, até ouvir gritos de «aq' d'el Rei».

Não quiz saber mais nada. O presidiario n.º 523 voltou para a prisão e eu fiquei ainda durante algum tempo a conversar com o director. Sugi-lhe a ideia de o mudar para uma camara, a fim de lhe vigiar o sono, para descobrir se a hipotese do sonambulismo tinha algum fundamento.

No dia seguinte, parti para o interior de Angola e mais tarde, quando regresssei a Loanda, o paludismo já tinha tomado conta de mim—e fui logo para bordo, a bater o queixo, com 39º de febre á minha carga. O meu mal fez-me esquecer a sorte daquele pobre homem, que ficava a cumprir o seu degraço numa prisão imunda e que ainda seria talvez possível restituir á liberdade; se os medicos provassem que tinha agido sob o dominio duma força estranha á sua vontade.

Já não me lembro do seu nome. Lembro-me apenas do seu numero. Não o esquecerei nunca. Um numero que deve ser igual ao de tantos outros desgraçados que a esta hora sofrem em silencio uma expiação que não mereceram.

NORBERTO LOPES

NOIVOS



—Quando casarmos havemos de ter duas criadas...
—O' filha, até vinte, mas uma de cada vez!



A correspondencia sobre esta secção pode ser dirigida a Pereira Machado, Gremio Literario, Rua Ivens, n.º 37

N.º 145 PROBLEMA

Por D. Przepiorka

Pretas (4)



Branças (5)

Mate em 4 lances

Solução do problema n.º 144

[Gama]

1 T d 4 b 4

CAMPEONATO DO MUNDO.—11.ª partida: Gambito da Dama, defesa de Combridge-Springs. Alekhine (preta) ganha em 65 lances.
12.ª partida: Gambito da Dama, defesa ortodoxa. Alekhine ganha em 42 lances.
13.ª partida: empatada em 26 lances.
14.ª partida: empatada em 25 lances.
Situação após esta partida:
Alekhine: 3
Capablanca: 2



Toda a correspondencia referente a esta secção deve ser enviada a Artur Ferreira Santos, para o 'Domingo Ilustrado', Rua D. Pedro V, 18

Solução do problema n.º 138

Branças Pretas

1 2-7 16-2

2 3-7 2-11-4

3 25-29 23-16

4 14-17 9-13-17

5 17-31-70-11-12 4-25

6 29-5-1

Ganha

PROBLEMA N.º 139

Pretas 2 D e 7 p.



Branças 2 D e 7 p.

Suem as brancas e ganham.

Resolveram o problema n.º 137, os srs. José Brandão (Infantas) e Mario Domingos Pereira.

GADEIROS DE ELECTRICIDADE

Chegaram lindos modelos ao

BICO NACIONAL AUREO, L.ª DA

Rua 1.º de Dezembro, 35 e 37

«WINKELMANN»-Pianos

CONSTRUÇÃO unica. Marca criada em 1837.

Januario Nunes & C.ª (Filhos) — 108, Rua dos

Retiroiros, 110 LISBOA

Na terça feira 9 de Agosto, pelas 4 horas da tarde, morria no seu palácio de Prow-Penh, com oitenta e oito anos de idade, o rei do Cambodge, Sisowath I. O filho mais velho do defunto, o actual rei Monivong, debruçou-se sobre o cadaver e gritou-lhe aos ouvidos, por três vezes: «Que Budha te proteja!»

O nobre Sisowath subira ao tr. no em 1904, mas só em 1906, depois de reconhecido pela assembléa dos grandes mandarins, é que foi eleito soberano do pitoresco estado de Cambodge, ao norte da Cochinchina, com dois milhões de súbditos e um solo feracissimo, produtor de algodão, tabacco, pimenta, café, noz, macada, canela, açucar de palma, goma, inúmeras variedades de madeiras preciosas, etc.

Sisowath fora «obborach», isto é, «segundo rei», durante trinta e seis anos, enquanto reinava seu irmão, Norodom I. Soberano intelligente e culto, admirador das civilizações occidentais e desejoso de que os seus súbditos pudessem delas beneficiar, Sisowath tinha,

dos reis do Cambodge, rodeado duma veneração religiosa, tomando as suas refeições sózinho, numa baixela de ouro, e saindo sempre com um grande séquito, escoltado pelos seus elefantes brancos.

Na madrugada seguinte á sua morte, Sisowath estava já deitado sobre o seu leito fúnebre, com os pés para o Occidente, sob um doce de sedas brancas. Segurava nas mãos umas velas e estava vestido com uma blusa de setim cor de salmão bordado a ouro e umas calças de seda branca. Nos pés, umas sandalias de ouro lavrado; nos tornozelos, anéis incrustados de diamantes. O seu rosto estava occulto por uma mascara de ouro, estranhamente estelizada num sorriso... A' cabeceira do leito, a sua espada, e dos lados da cama mesas cobertas de panos sumptuosos, sobre as quais se accumulavam ofertas fúnebres. Do tecto pendiam grinaldas de flores, entre lampadas eléctricas. Em volta do leito, via-se a côrte, imovel, vestida de branco. Aos pés do rei, a princeza Pindhara, sua filha, que foi sua desvelada enfermeira



1 O rei Sisowath I, no seu throno.—2 Um pavilhão, nos jardins do palacio real de Prow-Penh, que tem sido teatro de brilhantes recepções.

contudo, um espirito bem oriental, apreciando muito os esplendores da sua faustuosa côrte e desejando que os estrangeiros o admirassem. Apesar de ter iniciado notáveis reformas administrativas, judiciais e fiscaes—sempre de acôrdo com o representante da França, que usufrui o protectorado do Cambodge.—Sisowath aboliu a escravatura, mas não a poligamia. Tinha 500 esposas, algumas das quais o acompanharam na memorável viagem official que fez a França, em 1906, pouco depois da sua coroação. Nessa viagem, em que o soberano oriental appareceu vestido de «smoking» e de saiotas, ao lado do presidente Fallières, tambem o acompanharam as célebres bailarinas do seu palácio, que foram o encanto dos parisienses e cujas attitudes graciosas o grande escultor Rodin fixou em algumas estatuetas altamente apreciadas.

A lealdade de Sisowath para com a França foi sempre completa e manifestou-se bem durante a guerra, no recrutamento de numerosos soldados indigenas que vieram aumentar as fileiras francesas. Conseguiu que a França levasse o visinho Sião a restituir-lhe as provincias de Angkor e Battambang. Foi elle quem mandou restaurar as famosas ruinas de Angkor, onde se encontram autenticas joias de arquitectura antiga, entre avenidas de elefantes e génios talhados nas rochas, entre os sobrinhos «fratchéis» — sumptuosos monumentos funerarios —, entre torres piramidais, talhadas em pedra e que dominam as necrópoles. Sisowath levou sempre a vida caracteristica

Um pouco mais longe, as outras princessas e dezenas de mulheres de tôdas as idades e categorias, com a cabeça rapada, num aspecto teatral de acabrunhamento e dor. Ouvia-se o som plangente das orquestras fúnebres, e grupos de «bonsos» vieram salmoziar as ultimas preces.

O monarca, no dia seguinte, é entregue aos embalsamadores aos sacerdotes brahmanes, de vestes p'ateadas. Foi embalhado em panos preciosos, que obrigavam o seu corpo rigido a tomar a attitude ritual mais conveniente para toda a eternidade. Metido numa urna funeraaria, ficará mergulhado em mercúrio, substancias antisépticas e odoríferas. Alguns dias de pois será transportado, com grande solemnidade, para um pequeno templo de prata, transformado em capela ardente, e aí, rodeado de preces incansaveis e de amigos fieis, o seu corpo aguardará, durante vários meses, o momento da incineração.

E' assim que o Cambodge presta as derradeiras honras aos seus soberanos. E, enquanto honra o morto, vai preparando as grandiosas festas que hão-de marcar a coroação do principe Montvong, o mais velho dos cinco filhos de Sisowath, e que, aos cinquenta e dois anos, vai ocupar o throno que seu pal tanto dignificou.

Os povos amarelos ainda põem em tôdas estas cerimónias de côrte—quer sejam de festa, quer de desgosto—uma sinceridade ingénua e uma deslumbrante riqueza de pompas e de notas berrantes.

Cosulich Line

Agentes: — E. PINTO BASTO & O.ª L.ª DA CAES DO SODRÉ, 64, 1.º

Campeador

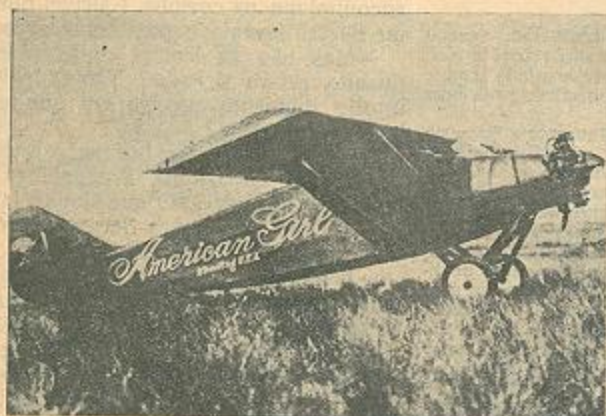
esperado a 20 de Outubro

LISBOA Telef.: C. 3601, 3602 e 3603

ANUNCIAR NO ÉCRAN LUMINOSO DO RÓCIO É FAZER UM ANUNCIO QUE A LISBOA TODA VÊ

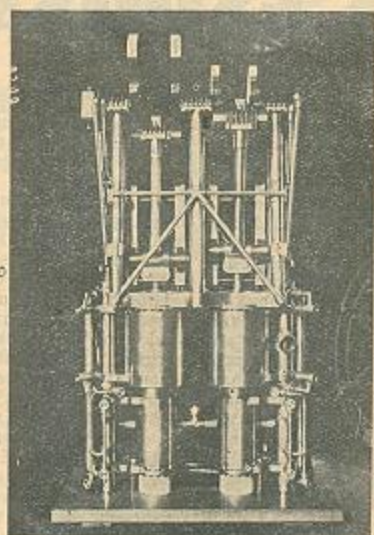
Actualidades gráficas

A TRAVESSIA DO ATLANTICO



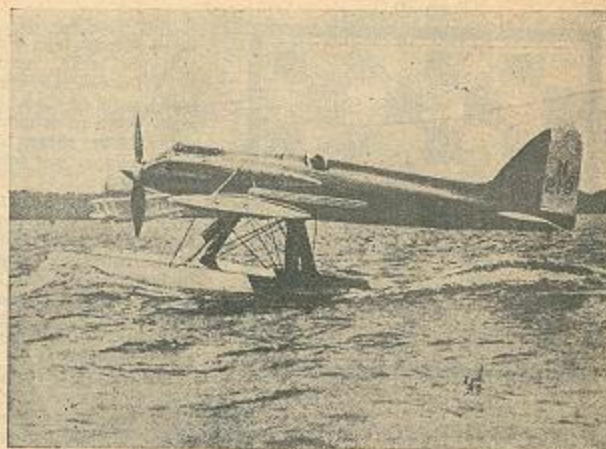
O «American Girl» de Miss Ruth Elder, no momento de levantar vôo para o seu audacioso «raid».

AVIÇÃO HA TRINTA ANOS...



No dia 14 de Outubro de 1897, Clément Ader fazia as experiências do seu motor a vapor aplicado a uma máquina voadora. Eis o primeiro raid aéreo: 300 metros. (Foto Meurisse).

A LAÇA SCHNEIDER



Em Veneza. O tenente Norman Webster ao amarar no Adriatico, após a vitória.

FOOT-BALL



O «keeper» do União Foot-Ball Club Lisboa defendendo uma bola do Benfica.

VAI-SE A MODA DO CABELO Á «GARÇONNE» E A «JOAOSINHO»



Numa exposição de penteados em Paris. (Foto Meurisse)

FOOT-BALL



A gloriosa «equipe» do União Foot-Ball Club Lisboa.

A SUPREMACIA DOS NOSSOS ARTIFICES



Um belo «specimen» da casa J. M. & Pedro Fraga, da R. da Palma, 82, que atesta a supremacia do artifice português sobre o estrangeiro. Este maravilhoso trabalho está em exposição.

EM HONRA DOS BOMBEIROS DE COIMBRA



Em honra dos bombeiros realison-se uma garraiada que foi fartamente concorrida e que teve fases deveras interessantes.

PUBLICIDADE

**AUTOMOBILISTA
LIMITADA**



160, Rua Alves Correia, 160
LISBOA

Sempre o maior sortimento de acessórios para automóveis

PRONTA EXECUÇÃO NOS PEDIDOS DA PROVINCIA

PREÇOS DIMINUTOS

End. telegrafico: AUTOMOBILISTA

Telef. 4218 Norte

CASA VELOCIPEDICA

DE José Antonio de Magalhães

Bicicletes, Motocicletes, Pneus de moto, Pneus de bicicletas, Camaras d'ar, Acessorios de bicicletas, Oficina de reparações, Acessorios para motos Arley e Indian, Artigos de «Foot Ball».

LARGO DA ANUNCIADA, 18 - LISBOA

Hotel Restaurant Bela Vista

RUA S. PEDRO D'ALCANTARA, 51 a 55

Ceias toda a noite

QUADROS COM LINDA VISTA PANORAMICA

Esmerado serviço de cozinha

Gerencia a cargo de: José Eduardo Rodrigues

RECEBEM-SE COMENSAS

**Ser elegante e economico!
Eis a questão.**

Para isso basta vêr tecidos e preços na Casa GOMES, FERNANDES & FERREIRA, L^{da}
ALFAIATES-CAMISEIROS

RUA DA ESCOLA POLITECNICA, 65 A 71

**HOTEL LUSO-ITALIANO
PAREDE**

(LINHA DE CASCAIS)

ABERTO TODO O ANO
SERVIÇO DE RESTAURANT - CHAS
Constantino Molle

Instituto Comercial Lisbonense

(Antigo Pereira de Sousa)

Telefone C. 1730 - RUA NOVA DO ALMADA, 53, 3.º

Aulas noturnas e diurnas para ambos os sexos. - Curso de Guarda-livros e Comercial. CURSOS ESPECIAIS - Industrial, comissões e consignações de correspondentes. - Curso de habilitação rápida para adultos. - O curso mais simples compreende calculo, escrituração e calligrafia. - Instrução Primaria. - Conferem-se diplomas aos alunos aprovados. Matrícula permanente.

BICICLET



Vencedora da 1 Volta a Portugal nas categorias de Forças, 1.º Antonio Augusto Carvalho, Fracos, 1.º Antonio Marques. - Vencedora da Taça Olympica, 1 Tomar-Lisboa, Taça União, Circuito dos Estoris. Campeonato de Portugal, 1.º Antonio Ramos Malha. - Representante em Portugal: CASA VELO-ESTEFANIA, 41, Rua José Estevam, 41 - Telefone N. 3832 - LISBOA.

SAPATARIA EUROPA
AUGUSTO NUNES DA SILVA

O melhor calçado, o mais resistente a par da maxima flexibilidade, o maximo de conforto e requintadamente artistico



Todas as matérias primas são importadas directamente das mais acreditadas casas estrangeiras. C. lçato em lézard e Java, e ocofilles e antilopes verdadeiros, setins e lãmes em todas as cores.

R. do Mundo, 47 - Telef. T. 790 LISBOA

MOVEIS

GRANDE SORTIMENTO de mobílias de quarto, casas de jantar, escritorios, salas em diferentes estilos e madeiras. - DECORAÇÕES. Sortido de tapetes, carpetes, oleados, cortinados, etc. - MOVEIS DESMANADOS; toilette, guarda-vestidos, camas, mesas de cabeceira, etc. - Preços sem competencia.

Armazens Barroca

31, RUA DA ATALAIA, 35 - Telefone T. 1095

«O Academico»

CURSOS LICEAIS

LINGUAS

Instrução Primaria

Directores: - Dr. Avelino de Figueiredo
Capitão J. Pedro da Silva

R. N. do Almada, 53, 3.º - Telef. C. 1730

Salão Lisboa

Abriu este novo estabelecimento de Barbeiro, Cabelreiro para senhoras e creanças e onde se executam todos os trabalhos de MANUCURE com a maior perfeição.

Preços modicos

RUA DO ARSENAL, 56

LISBOA

Antiquidades

A' venda e em exposição no BRIC-A-BRAC ESTRELA, Calçada da Estrela, 57 (esquina da Rua Miguel Lupi)

TELEFONE C. 641



Casa Palissy Galvani

Guilherme F. Simões
LIMITADA

COLOCAÇÕES
E reparações de campainhas electricas
telefonos e pára-raios

LUZ ELECTRICA
Deposito de todos os aparelhos
da sua especialidade

Preços sem competencia

Descontos aos revendedores

13, RUA SERPA PINTO, 15 - LISBOA

FUNERAES TELEF. 1094 N.

DOS MAIS SIMPLES AOS
MAIS LUXUOSOS

TRASLADAÇÕES
PARA TODOS OS GEMITERIOS.
PROVINCIA, ETC.

URNAS,
ARMAÇOES,
COROAS, ETC.

PREÇOS REDUZIDOS

SERVICO PERMANENTE

131, R. DOS ANJOS, 133

RESIDENCIA
RUA DOS ANJOS, 139 2.º E.

LISBOA

MARIO AUGUSTO DA SILVA MILHEIRO

A maior tiragem de todos os semanarios portugueses

O DOMINGO

ilustrado

ASSINATURAS
CONTINENTE E HESPAÑA
ANO - 48 ESCUDOS -
SEMESTRE - 24 BSC -
TRIMESTRE - 12 BSC -

ASSINATURAS
COLONIAS
ANO 52 AJO - SEMESTRE, 24 BSC
ESTRANGEIRO
ANO 64 a 66 - SEMESTRE, 32 BSC

NOTICIAS & ACTUALIDADES GRAFICAS - TEATROS, SPORTS & AVENTURAS - CONSULTORIOS & UTILIDADES



A TOMADA DE LISBOA!

O episodio de Martin Moniz—o celebre 'entalado' das portas da cidade, ao qual se deve a rapida victoria de Afonso Henriques.